



A história com um final infeliz “A transformação da Petrobras - para pior”

Desde 1996, dando sequência a um plano que iniciou no governo Collor de Melo e que ficou paralisado durante a presidência de Itamar Franco, a Petróleo Brasileiro S/A com a venda de 36% de suas ações na Bolsa de Valores de Nova York, começou a sua “transformação” em uma empresa multinacional. Assim, com a obrigação de adequar-se a esta nova realidade, sendo que a empresa nacionalista estava definitivamente enterrada e agora havia prazos a serem cumpridos e metas a serem alcançadas, que tudo tinha a ver com interesses do mundo globalizado que ela adentrara.

Como Fernando Henrique e seu PSDB não

tinham uma base sindical de apoio, suas tentativas de mudanças em atendimento a “Wall Street” e seus três pontos fundamentais foram barrados na essência, sendo que mesmo assim o que pode ser mudado em termos de legislação, principalmente na organização dos fundos de pensão e na quebra de monopólio, foi feito no governo FHC - de triste memória.

Dos cinco pontos elencados pelos gestores de “Wall Street”, dois estavam

implementados: 1º quebra do monopólio; 2º adequação da legislação fundiária.

O governo de FHC chegava ao fim e todos os trabalhadores organizados viam o ano de 2003 chegar cheios de esperança, já que após três mandatos presidenciais, assumiria o comando da nação o excelentíssimo Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, um então excluído como nós todos, um líder operário, um retirante nordestino, um Silva como muitos de nós.



A máscara caiu

Desde o ano 2000, o Partido dos Trabalhadores já não era o mesmo, porém, poucos enxergavam a mudança. Assim, a posse do novo presidente foi festa total do sul ao norte. O povo estava eufórico. No congresso dos petroleiros, em 2003, Lula, o presidente, declarou: “o fundo de pensão

dos petroleiros” é um exemplo que gostaria de ver expandido para todos os trabalhadores. Temos cópia da declaração em nosso Sindicato.

Se em 1998 o governo PSDB intensificou seus ataques aos fundos de pensão, na Petrobras, viu seus intentos de migração naufragar, pois um movimento sindical unido,

naquela ocasião, barrou os desejos de FHC.

Já no início do governo Lula, todos os trabalhadores ficaram esperançosos de um governo democrático para o povo, mas apenas iniciava-se uma grande armação de um grupo que na penumbra se preparava para, como praga, assolar este país continente.

A grande traição

Ato 1 – O governo Lula assume e não contesta nada do governo anterior, nem ao menos investiga os fatos terríveis, como as privatizações fraudadas e a venda de 36% das ações da Petrobras a preço de banana.

O mais grave é que o Congresso aprovou na época a venda de 30% das ações da Petrobras, mas os corretores da Bolsa de Valores de NY venderam 36%. O dinheiro equivalente a esses 6% vendidos nunca apareceu, sumiu na corrupção.

FHC nunca deu explicação a isso e o governo PT, quando assumiu o poder, nunca investigou porque já tinha a intenção de se apropriar dos mesmos esquemas de desvio de dinheiro dos recursos da nação. O governo petista nunca cobrou que o ex-ministro da Fazenda do governo FHC, Pedro Malan, explicasse essa jogatina com o patrimônio nacional.

Com relação às privatizações, todas as estatais brasileiras foram vendidas a preço de banana por meio de fraudes bancárias que usavam capital podre para desvalorizar as empresas. Fora isso, um dos ministros diretos de FHC, Luis Carlos Mendonça de Barros, teria criado uma empresa com os filhos e irmãos seis meses antes de privatizações importantes e atuaram como corretores privados e lobistas nessas vendas fraudadas, principalmente na telefonia.

FHC nunca explicou isso e o governo PT, quando poderia cobrar uma resposta, descambou para as mesmas

táticas para enriquecer os amigos do rei (o alto escalão do governo PT/PMDB). Hoje, todos “esses amigos do rei” são empresários e cheios de grana.

Ato 2 – Sem a menor cerimônia, a FUPELEGA toma de assalto a Petrobras e a Petros. É uma coisa demoníaca, uma voracidade incrível e começa aí o padecer dos trabalhadores petroleiros.

O discurso nos remete a Delfim Netto e ao regime militar: “precisamos fazer o bolo crescer para depois dividir”. Ora, a Petróleo Brasileiro já está construída e é a maior empresa da América Latina, uma das maiores do mundo. Porém, paga salários abaixo do mercado internacional, investe na terceirização e faz dos empregados os mendigos da área do petróleo mundial.

O pior está por vir: tendo usado o mesmo sistema que o bando do mensalão usou no início do governo Lula para comprar o voto dos congressistas, o governo Lula compra todos os dirigentes sindicais e os incrusta na direção do governo, na Petros e na Petrobras com o apoio da FUPELEGA.

O que veio a seguir foi a jogada da repactuação, terminando de vez com os sonhos dos petroleiros, que vinham acumulando perdas salariais durante todo o neoliberal governo FHC.

Assim, mesmo com a denúncia do mensalão e a consciência adormecida dos dirigentes sindicais comprados com altos cargos

no governo, a nave trabalhadora começou a fazer água pressionada pelas perdas financeiras da categoria, as pensionistas assediadas diuturnamente. A repactuação passou por 63%, ficando aquém do que queria Wall Street. O resto vocês conhecem bem: o novo plano de carreira, a 2ª repactuação e agora a 3ª.

Essa compra de dirigentes sindicais cobre a lacuna que o governo FHC tinha de não ter acesso a um aparato sindical para defender suas propostas esdrúxulas.

Agora o PT de Lula e Zé Dirceu conta com a FUPELEGA na nossa categoria e com as centrais sindicais e sindicatos pelegos para apoiar a retirada de direitos da classe trabalhadora, como os sucessivos ataques ao Instituto Nacional de Previdência.

Só que a Petrobras pagará muito caro por essas promoções arranjadas para a pelegada sem conhecimento técnico ou científico. Isso veremos mais à frente. Com um monte de “borra-botas” exercendo os cargos de fatores e capitães do mato, o trabalhador petroleiro seria levado a um inferno por sua própria ex-única federação, hoje, comandada por uma corja de pelegos à espera de uma boquinha ou uma teta para um eterno mamar na Petrobras ou em outro lugar qualquer do governo.

Mas sempre contamos que os ditos populares sempre se confirmam e não haverão de nos faltar. Afinal, “não há bem que seja eterno nem mal que dure para sempre”.

Padrão Petrobras

O petroleiro sempre teve uma ligação diferente com a empresa. Lógico que isso se dá no relacionamento que se fortalece na convivência com aqueles que exercem posições de comando nos vários graus em uma equipe de trabalho.

Os antigos técnicos II e III eram acima de tudo líderes de seus grupos de trabalho. Eram pessoas que tinham personalidade própria, que se moldavam dentro do padrão Petrobras, que eram formados de conhecimento operacional, técnico, gerenciamento do grupo, lidar com pessoas em todas as diferentes facetas voltadas ao objetivo comum.

Na nova nomenclatura acabaram com esses postos. Hoje, ninguém é nada, simplesmente está, e isso enquanto mantiverem o novo paradigma. Ou seja, 1º serem seres invertebrados; 2º não ter opinião igual a não ser a do seu superior; 3º ter conhecimento técnico desejável, porém não decisório; 4º ser servil, reciclável, domado, curvatório – lembre-se do ser invertebrado.

Mas mesmo dentro dos novos padrões estabelecidos, sempre causou estranheza à direção deste Sindicato que mesmo quando o Acordo Coletivo está em discussão este novo ser funcional não participa de nada, como se eles não fossem atingidos pelos índices absurdos apresentados pela empresa, como se o salário deles não fosse corrigido pela proposta que fecha a campanha salarial.

Entretanto, a dúvida foi respondida por vias invertidas.

Tomamos conhecimento de que toda esta servidão, toda essa perda de identidade tem sido muito bem recompensada, e vejam como: em seis anos, um destes seres acumulou 16 níveis em seu contracheque. Assim, este cidadão realmente não precisa da campanha salarial.

Para cima, para o alto, eles têm os abonos especiais, os pró-labore, e a divisão do que não se pagou no reajuste salarial. Aí, você compreende como o patrimônio do Diego Hernandez cresceu tanto. É

errado nisso tudo, há algo muito errado. Existe uma indústria, hoje, para quebrar empresas que compram casco (pegam o serviço das grandes empresas contratadas para as obras no Sistema Petrobras), deixar um passivo trabalhista imenso para trás e ainda assim receber todos os repasses da Petrobras. Existe gente que enriqueceu fazendo esse jogo podre, gente que diz até a hora certa de uma “gata” quebrar e dar no pé. A indústria da subcontratação tomou de assalto a Petrobras.



perfeitamente compreensível do ponto de vista matemático.

Bem, o “Padrão Petrobras”? Ora, foi para o espaço. Como ter padrão uma companhia que no setor de manutenção, feita por empresas contratadas, só nesta refinaria seis empresas quebraram em pouquíssimo tempo? Há algo de estranho e

A podridão causa espanto. Hoje, há muitos incompetentes, coniventes, servis em posição de comando na outrora garbosa e orgulhosa Petrobras – agora não mais que uma petroleira comum, que continua usando e abusando da nossa bandeira de forma covarde e criminosa, acima de tudo.

A longa agonia

A partir da venda na bolsa de valores de Nova York de 36% das ações do povo brasileiro referentes à Petrobras, o Conselho Diretor de Wall Street apresentou ao governo brasileiro os quatro fundamentos para a empresa aderir ao regulamento daquela instituição e sua posição na cotação da referida Bolsa de Valores.

Vamos enumerar os ajustes obrigatórios passados ao governo Fernando lamentável entreguista Henrique Cardoso.

1º quebra imediata do monopólio na área do petróleo com as devidas mudanças e ajustes para a abertura da área de petróleo e gás ao mundo petroleiro.

2º mudança imediata na lei de outorga securitária e dos fundos de pensão, adequando ao sistema do Reserve capital das seguradoras norte-americanas.

3º desvinculação total na área financeira aos aposentados e pensionistas, mudança radical em termos de complementação dos fundos de pensão, mudança na lei fiduciária e transformação nos fundos de pensão em fundos de investimento sem qualquer garantia de lastro.

4º passivos trabalhistas – negociação com a justiça do trabalho e sentenças de direito coletivos sob controle, toda a ação com abrangência sobre todos tem poder danoso ao erário público; risco social, não concessão. Manutenção de equipe de negociação permanente junto ao TST. A Petrobras tenta extinguir a figura do direito adquirido.

Em discussão, o negociado sobrepõe-se à lei que abrange os acordos federativos.

Mesmo sem ter conseguido atingir os quatro pontos impostos, hoje, a Petrobras existe apenas no nome e no controle sobre os preços de combustíveis pelo governo, pois, afinal, somos um país continente e socialmente tudo é transportado por rodovias, o que

não permite ao governo adequar-se ao preço do mercado mundial, como

quer Wall Street.

Assim, tendo nosso petróleo oriundo de nossas reservas, hoje, mais do que satisfatória, calamos os acionistas e banqueiros, mas, tenham a certeza de que de concessão em concessão o nosso pré-sal, que Lula alardeou como a redenção do povo brasileiro, está a se esvaír por entre os nossos dedos.



A saúva destruidora

Quando uma empresa perde os parâmetros de distribuição de poder e responsabilidade aos capacitados e passa a exigir servidão ao invés de conhecimento, o alinhamento automático ao invés da altivez da experiência e do saber técnico, podemos dizer que o apadrinhamento e a república sindical pelega em que se transformou a Petróleo Brasileiro agravam a danosa administração a que esta empresa está submetida ao longo de muitos anos.

Aos senhores que se autodenominam “nós da gerência”, tenham a absoluta certeza de que o altivo povo brasileiro, que contra todas as forças nacionais e internacionais elitistas, criou esta empresa, não

sucumbirá ante a sanha destruidora deste corpo estranho que se incrustou na empresa sob a proteção do “Ali Babá Zé Dirceu” e seu séquito criminoso no meio dos verdadeiros petroleiros. Não vão conseguir destruir um sonho de independência, progresso e ascensão social de todo um povo. Não é o petróleo que é nosso, este país é nosso!

Assim, você, companheira e companheiro, que desce para as assembleias, participa, discute, vota e luta o jogo não acabou. Vamos até o fim nessa luta sem esmorecer, pois temos o direito de viver livres dos covardes pusilânimes e aproveitadores que pensam que

estão ditando as regras do jogo. Não, meus caros!

O jogo é jogado, o lambari é pescado e nós temos um riscado forte e vamos buscar mudar isso.



Tenham a certeza de que o petróleo é nosso, a Petrobras é nossa, o Brasil é nosso e assim tem que continuar.

SINDIPETRO – Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Destilação e Refinação de Petróleo

Rua das Azaleas, 57 Jd. Motorama São José dos Campos/SP CEP: 12224-060 Tel. (12) 3929-7188 Fax: 3902-7003

www.sindipetrosjc.org.br e-mail: sindipetrosjc@uol.com.br Textos, edição e diagramação: Emerson José MTB: 31.725